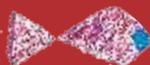




V&K EHIU
SHE NIP&HIU

◇ CONTOS INFANTIS DO POVO ◇

Y&W&N&W&A





A Iniciativa Comunidades da Forest Trends agradece à Fundação IKEA por financiar e possibilitar o apoio aos povos indígenas e às comunidades tradicionais na garantia de seus direitos, na conservação de suas florestas, culturas e costumes e na promoção de seus direitos.

A Associação Sociocultural Yawanawa— ASCY, tem como missão lutar pelos direitos do povo Yawanawa e buscar novas alternativas que possam viabilizar social e economicamente e proteger o território da Terra Indígena do Rio Gregório e fortalecer as manifestações culturais e espirituais do Povo Yawanawa



VAKEHU SHENIPAHU

CONTOS INFANTIS DO POVO YAWANAWA

POVO YAWANAWA

ASSOCIAÇÃO SOCIOCULTURAL YAWANAWA/ASCY

ORGANIZADORA: LAURA SORIANO YAWANAWA

ACRE • AMAZÔNIA • BRASIL
2016



APRESENTAÇÃO

Assim como antigamente, quando nosso povo por gerações contavam nossas histórias para educar seus filhos. Temos que continuar contando para eles, as histórias que nos foram contadas quando ainda éramos crianças, para que no futuro, eles continuem contando para seus filhos e assim por diante.

Se você não escutar as nossas história hoje, não terá o que contar e ensinar no futuro para seu povo e para seus filhos. Nossos antigos, sempre tinham o que contar. Hoje em dia, ninguém quer mais falar em nossa língua, não querem mais comer a nossa comida tradicional. Preferem a comida do homem branco, vivendo estilo do homem branco. Por isso temos que continuar contando nossa história para educar nossa gente, para que elas perpetuem no tempo e não desapareça de nossas vidas.

Pajé Tata Txanu Natasheni



Yuiti ainihuãki

Na ãu vakehu yuinaka ikesa wakĩyã, vakehu shenipahu yuishukĩ, ãnã awenahãu vake rihi yuinaka wakĩyã. Nukē shenipahu, nukē iyuahãu yuikĩ, ariri yuipãnishũ, na yuinaka wakĩ. Venu yamai, na aya rehupakeyã.

Awea mĩ nikashuma kahi, aweara mĩ vake yuishunahĩ? Nukũ iyuahu aska ukũamahĩ, nukũ iyuahu mahuhu yuikĩ. Mahuhu askatima ishũ yuikĩ. Nawahãu estudo, ahu venu makĩ keyuki. Nukē tsãi tsua iyamai. Nukē piã rihi, nukē pitihu, anã pipai yamakakĩ. Nawã pitisi, pinũ iki. Nawa ikesa, piya yamakĩ.

Rumeya Tata Txanu Natasheni

AUTORES: Povo Yawanawa, Associação Sociocultural Yawanawa, ASCY

IDEALIZAÇÃO E PRODUÇÃO: Associação Sociocultural Yawanawa, ASCY,
Tashka Yawanawa e Laura Soriano Yawanawa

ARTES GRÁFICAS E DIAGRAMAÇÃO: Lica Donaire – Ecotoré Serviços
Socioambientais

REVISÃO DO TEXTO EM PORTUGUÊS: Nietta Lindenberg Monte

REVISÃO DO TEXTO EM YAWANAWA: Professor e Educador Tradicional, Fernando
Kateyuve Yawanawa

FOTOS: Tashka Yawanawa

CONTADOR DAS HISTÓRIAS: Tata Txanu Natasheni Yawanawa

ILUSTRAÇÕES: Os desenhos deste livro foram criação da imaginação das crianças
e jovens das aldeias Matrixa, Amparo, Yawarani, Sete Estrelas, Tiburço, Escondido,
e Mutum, depois de eles ouvirem as histórias contadas na língua Yawanawa.

COLABORADORES: Kboco, Djacira Maia de Oliveira

APOIO: Forest Trends



Este livro é a primeira compilação de sete histórias infantis Yawanawa, contadas pelo Pajé Tata de 103 anos de idade. São contos que fazem com que as crianças sonhem com seres encantados que vivem na floresta, onde a magia e o encanto enche de cores sua imaginação. Mostram o afeto das crianças com as aves, animais e a floresta. Eles educam as crianças a respeitar os mais velhos e a natureza. Elas ensinam que os jabutis, as onças, os peixes e todo ser vivo que mora na floresta são espíritos com alma e sentimentos igual que a gente.

Aprendendo essas histórias desde crianças, a amar a natureza e a cuidar dela. Estas histórias são milenares, contadas por gerações. Toda criança Yawanawa tem que saber destas histórias, assim como qualquer criança da cidade sabe de suas histórias.

Os contos infantis Yawanawa tem uma peculiaridade de ser marcados por cenas trágicas, porque fazem parte da cosmologia de acontecimentos marcantes da vida na floresta, que pode ser perigosa e desafiante, já que convivemos com animais selvagens como onças e cobras.

Desde crianças as histórias ensinam a encarar um raio, uma árvore que cai, uma caçada de um animal que é esquartejado como símbolo de coragem e bravura. Isso inspira as crianças a serem fortes e valentes na natureza.

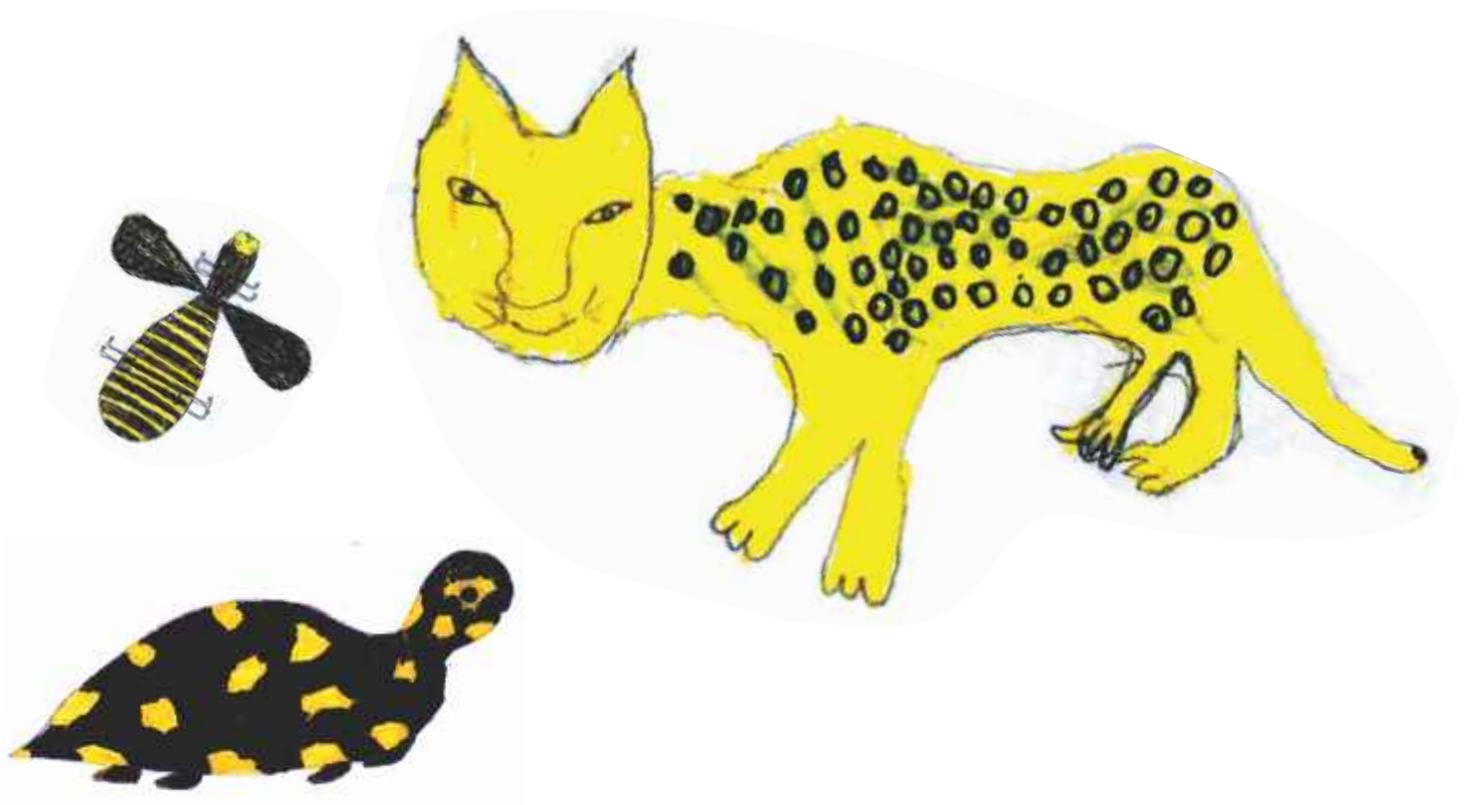
Este livro está dedicado a todas as crianças Yawanawa e do mundo para incentivar e valorizar nossas histórias tradicionais e a nossa própria língua como o Pajé Tata descreve acima.

Tashka Peshaho Yawanawa
Laura Soriano Yawanawa



SHAWEYAHI
YUMÃI SHENIPAHO

HISTÓRIA DO JABUTI E DA ONÇA



Ē nika:

*Awetira repihāiniyā, shawēwāyā, itxapa. Westi
mistī vetxia makī. Na hua niti na tanahāiki. Atū
iskuruti kahi, na nuashi iskuruti itāhāhāinahu.*

*Wekū ikāinī kahi, panīwā nia kahi; atū shakapā
tsā! tsā! tsā! Ikiyamai, sá ihāhāini.*

Assim eu escutei:

Muito tempo atrás, os Jabutis viviam todos em bando. Eram tão numerosos que não podiam ser contados. Costumavam caminhar, uns atrás dos outros, numa grande fila de perder de vista. No passado, eles não andavam sozinhos como andam hoje em dia. Todos andavam em bando.

Antigamente, os Jabutis em bando adoravam brincar de balanço de cipó. Gostavam de serem puxados e empurrados pelo penhasco abaixo, para se chocarem com um pé de espinho de tucum.

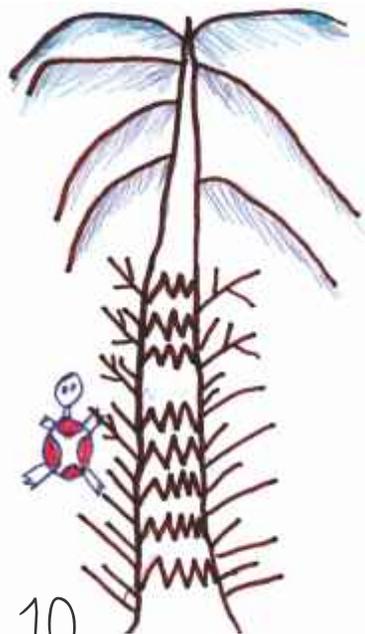
Ao se chocarem com o pé de tucum, seus cascos faziam: tsã! tsã! tsã!

Esse era o barulho que se ouvia, quando os espinhos batiam em seus cascos. Mas não atingiam seus corpos, porque seus cascos os protegiam.



*Aska kahi, iskuruti vetxia meashaki ãu
ikani. Aska kahi, mã ihãhaĩnahu ipauni.
Awetiara vetxinishakĩ, iskuruti ikainãhu.*

Certos de que nada lhes poderia acontecer, brincavam sem medo. Quando encontravam um cipó na mata, logo se animavam para brincar de balanço. Caminhavam sempre à procura de um cipó para brincarem de balanço.

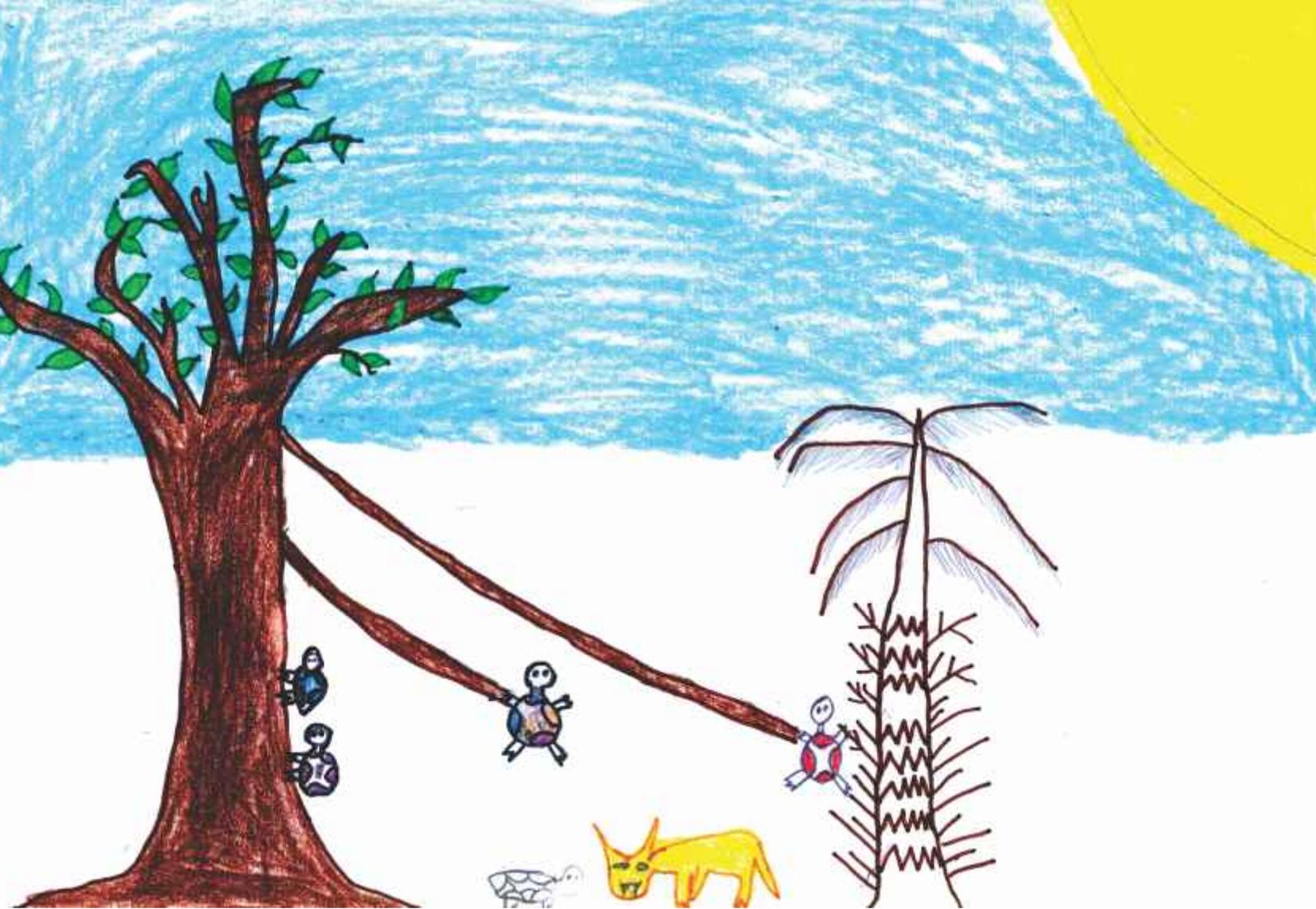


Atũ tsãĩ, txakashnĩ, txashẽ.

- *Txashẽ! nukẽ iskuti nũ inũ hukãpe.*
- *Hukãwe, hukãwe, hukãni.*

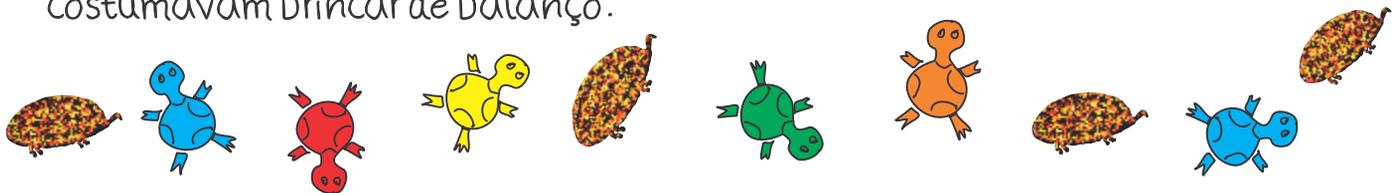
E chamavam uns aos outros de *Txashẽ*.

- *Txashẽ*, vamos brincar de balanço, diziam um para outro.
- Vamos! Vamos! Vamos todos, respondia todo bando.



Na repinũ, unu repihãinu, na nitĩwã wahãikakĩ.

Então formavam uma grande fileira de Jabutis e iam rumo ao lugar onde costumavam brincar de balanço.





- Txashē, mĩ itirumarã. Mĩ itirumarã Txashē. Mĩ nuke ravã tiru (Shawe)

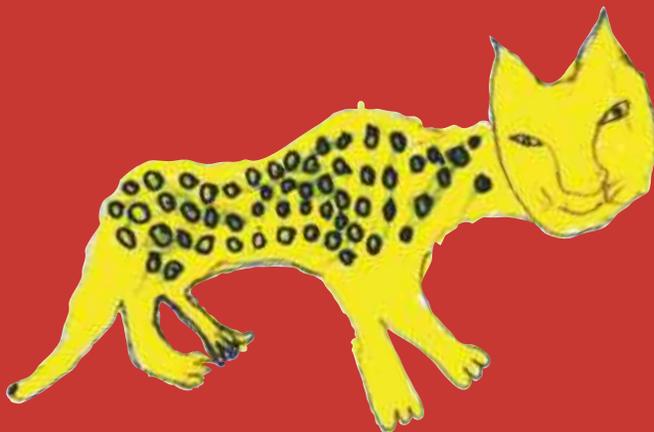
- Awesai, matu ravãihĩ. Hutu kãu, erihi inũ (Yumãĩ)

- Txashē, essa brincadeira não é para você. Você pode morrer.

- Como posso morrer? Desçam já, deixem-me brincar também, disse a Onça.

*Aska huahu kekāi. A yumāi huānahu taeki, atu tanahāiki.
Yumāi atu tanahāikī. Tanahāiki kahi, iskuruti ikāni.*

Um dia, enquanto seguiam o seu caminho, foram seguidos por uma Onça Pintada. A Onça rastejou até encontrá-los brincando de balanço de cipó.



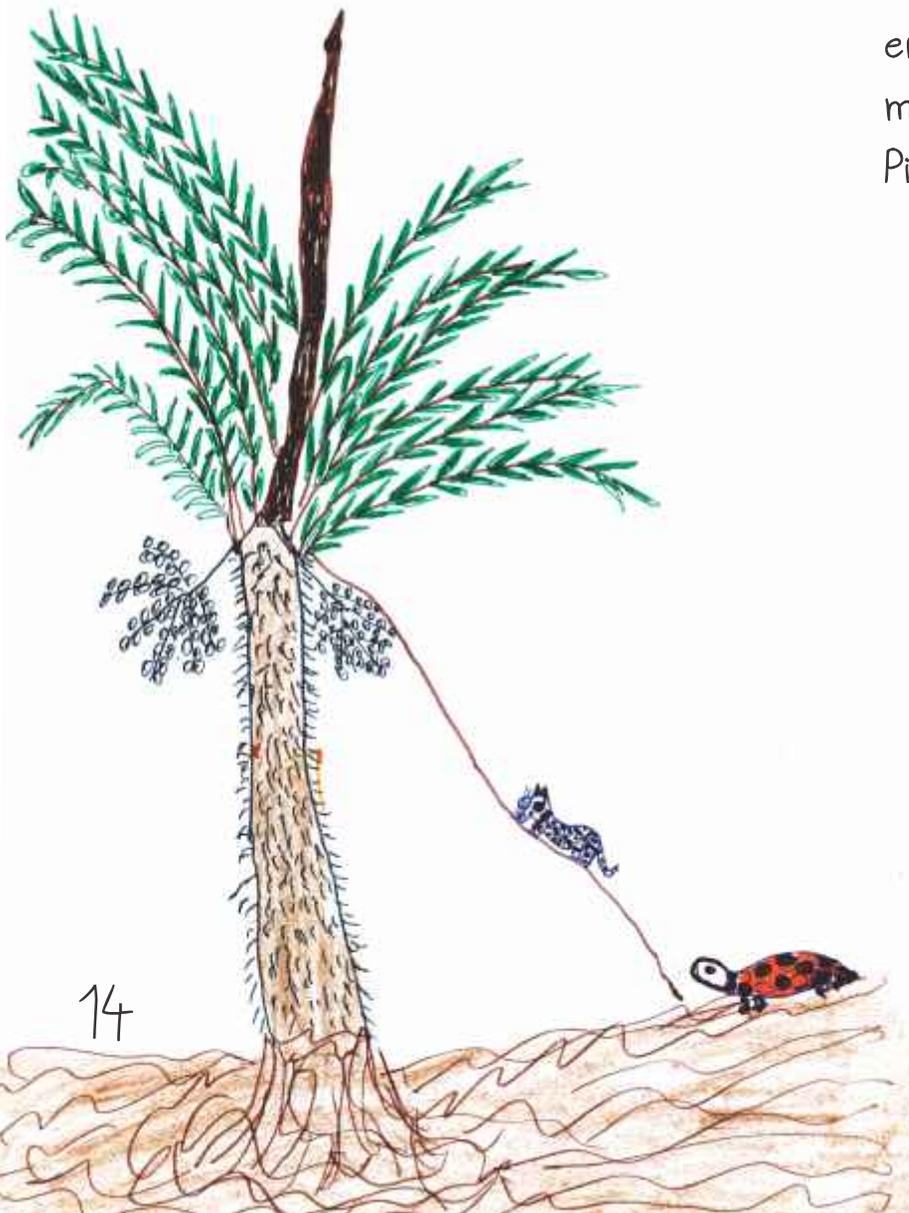
- *Ha! Mã awea waī? (Yumāi)*
- *Txashē, nū iskuti ikirā (Shawe)*
- *Ma, mã ihayaki, erehi inū, hutu kapū, erihi inū, hutukāwē (Yumāi)*
- O que vocês estão fazendo?, perguntou a Onça.
- *Txashē*, estamos brincando de balanço, responderam os Jabutis.
- Bom, vocês já brincaram demais, deixem-me brincar também. Desçam, agora é minha vez, disse a Onça.

Ma wishkũ paiki ranãshu, venewã meshpekĩ. Venewã meshpe unuashe, niri hurisai. Txinesheke tsaukei.

Os Jabutis lutaram para não permitir que ela entrasse na brincadeira. Como era mais forte que eles, a Onça Pintada tomou à força o balanço da mão de um Jabuti macho, que segurava fortemente o cipó. Depois de tomar o cipó, pediu aos Jabutis que a arrastassem e empurrassem.

- Ea wekũ akãwe (Yumãi)

- Balancem e empurrem,
ordenou a Onça.



Ninihāi, ninihāi, enea kai! A pānīwā nia kiri kaya atxihākani. Awea hani tūīma, hushke aki muski keyuinu. Āu ūīti rakanu musha keyui.

Balançaram, balançaram...
arrastaram, arrastaram...

E, depois, empurraram o balanço penhasco abaixo. Quando soltaram o cipó, a Onça foi bater direto contra o pé de tucum.

Ao se chocar com os espinhos do tucum, ela se espatifou toda.



Não teve uma parte do corpo que não ficasse perfurada pelos espinhos.

Seu coração ficou completamente esfaçalhado.

A shawe shakashe: tsã! tsã! tsã. Tsakatãni anã ariashe ikerãki. A kahi, a shupa patxia keũsa wakĩ keyukĩ.



Enquanto que os cascos de Jabutis faziam *tsã! tsã! tsã*, ao se chocarem contra os espinhos do pé de tucum, na pele da Onça, mole como um mamão maduro, os espinhos entraram macio em todo corpo.

Anã ari katãñĩ, ana ariashi ikerani uiya ãna, a shawe mãnia nũ kahi, reshkeina pakeyã.

- *Txashẽ! mã mia yui hiya, mĩ nuke iskuruti inũ ikash, nuke ravãtia mia hiaki, nikayamai mĩ ikaki.*

Quando o balanço retornou com a Onça enganchada no cipó, ela caiu, dando o último suspiro na frente de todos os Jabutis.

- *Txashẽ!* Nós avisamos que essa brincadeira era somente para nós que já conhecemos. Isso aconteceu com você porque não ouviu o nosso conselho. Acabou de nos trazer azar, como tínhamos alertado.

Ratehãĩ uĩkakĩ, ratei keyuhãĩ; uĩ, uĩ nikuhãĩni.

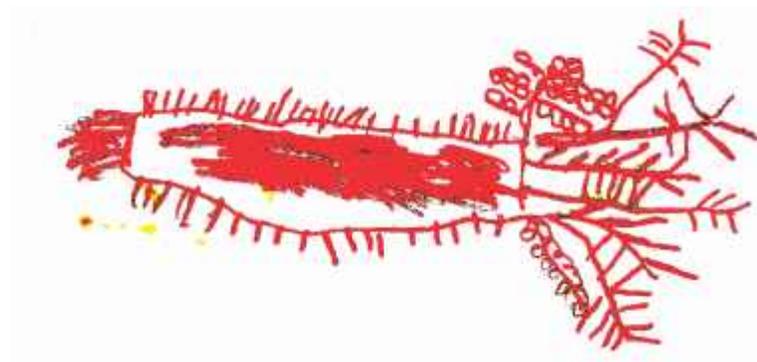
Askaitu venēwa nūya:

- *Aska kaitũ, ikesa warisãkãwe, nasatãkĩ.*

Chocados com aquela cena, não podiam acreditar no que tinham acabado de presenciar. Apavorados e sem saber o que fazer, todos ficaram parados, assistindo à morte da Onça.

Diante daquela tragédia, sem nada para fazer, um Jabuti macho tomou a iniciativa e disse:

- Então.... É assim que se faz. E deu uma mordida na Onça.



Aska paisanũ ikahi ushũkahi, ãu vitxihuya pikãkĩyã. Nãũ namihu pikãkĩ. Pikĩ keyukĩ. ãu takahu, ãu vitxi hishũki hurakukĩ. Wetsã kahi na ãũ nami ture hishũ kahi, hurakukĩ, txuruya. ãu taka ture hishũ kahi hurakukĩ ma ya. Wetsã kahi ãu taka ture hishũ hurakĩ, kunuya. A tarãku mixtĩ na mishtĩhuya, hukãni. Huraku mevetseahu.

Askata kahi sirũki, imi sirũki xara xara wakĩ keyuta kahi.

- Ma! Pashkara, txurã pashkara, kunu pashkara, inu pashkara: she! she! she!

- Askaya makãwē, wetsa nikatiruki, wetsã nika tirukĩ askaya makãwãu.



Os demais seguiram o macho, comendo a Onça com couro e tudo. Comeram a carne, comeram o fígado e as demais partes da Onça. Um deles tirou um bom pedaço de carne e fez um huraku (enrolado de folha). Outro tirou um pedaço de fígado e fez outro huraku. Fizeram huraku de tudo e não deixaram nada a perder. Todos retornaram para casa com um huraku na mão. Lamberam todo sangue para não deixar nenhum vestígio.

- Ma! Pashkara, txurã pashkara, kunu pashkara, inu pashkara: she! she! she! (Linguagem de lamentação dos Jabutis).
- Não digam isso, porque outra Onça pode ouvir vocês, alertou o macho do bando.

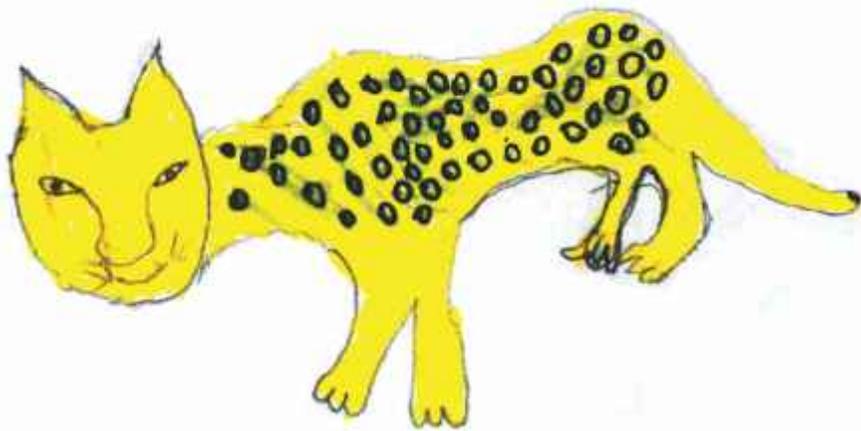
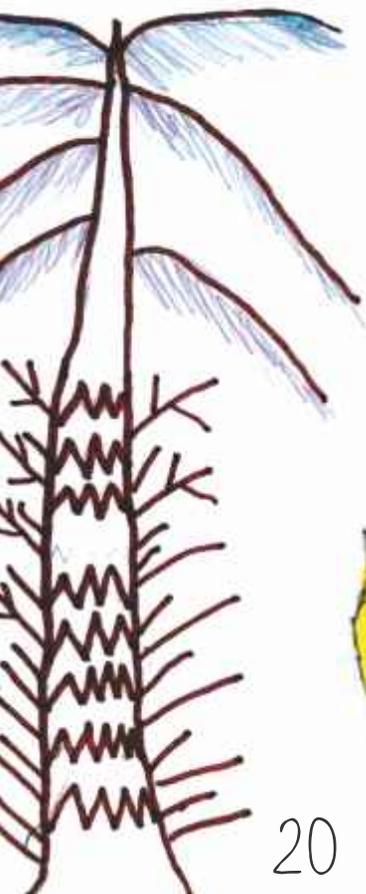
Ivayahu anuya, wetsa tanauku verãni, ãu tae, tanauku verãni. A ikerãni, a ikerãni ui kahi, tae tanauku verãni atu, tae natxura mea ikerãna tanauku verãkiyã.

Na shawe iskuruti ivayanũ, kai tae nishma. Askaitu hakiru kashe mē unũ venahuãki, unu venaikiã tae yamai.

Ēruku atu yuka yutãnu, ũiyahu wetsa itiruki.

Depois de um tempo, o irmão Onça veio rastejando o rastro da Onça morta. Veio por onde a outra tinha aparecido. E seguiu seus rastros até desaparecerem, exatamente onde os Jabutis estiveram brincando de balanço de cipó.

O irmão Onça falou consigo mesmo: vou retornar e perguntar aos Jabutis se eles sabem de alguma coisa sobre meu irmão. Quem sabe eles o viram.



Kashũ kahi, atu yukakĩ:

- *Ha! Eve nanea, txai. Mã ũĩya mamē?*
- *Txashē, nũ tsua ũĩyama. Nũ tsua ũĩyamare, iki.*
- *Awesaitu mã ũĩmahĩ? A matũ tae natxura mekerãna mã iskuruti ivaya nũ tae nismayamaki mã uĩmahĩ?*
- *Ma! Nã askahiakĩ, nũ ũĩyama. Ũĩyamarã wakĩ.*
- *Anã ruku ũĩxara tanu.*

Foi então até eles para perguntar:

- *Meus primos, vocês não viram o primo de vocês, meu irmão?, perguntou a Onça.*
- *Txashē, nós não o vimos. Aliás, não vimos ninguém, disseram.*
- *Como vocês não viram? As pegadas apontam para o lugar onde vocês estavam brincando de balanço. E desaparecem naquele local, disse desconfiada a Onça.*
- *Não! Infelizmente não vimos, disseram os Jabutis*
- *Então, vou retornar e averiguar direito, disse a onça.*



Aska kahi nixihu, a imi ivayanu, ãu tae venakĩ,
uaisi nanu retua. Mã venapaikĩ ranãtã, maturuku,
ũĩkanũmai.

Então, retornando ao local, a Onça encontrou apenas vestígios de sangue onde alguns Maribondos estavam lambendo, no mesmo lugar em que os Jabutis tinham brincado.



Ruraku tsumahāinahu, ikeranāya:



- Ēwē evenanea, txai, mā ũiyama kaimē?
- Má! Txashē, nū tsua ũiyamarã.
- Awea hurakusi mā, mevetsu meanuhĩ?
- Txashē, nū kunu mixtĩ, nū txura mistĩ, nū akarã.
- Ũĩnurã, neria, ea wetsa inã kapũ.

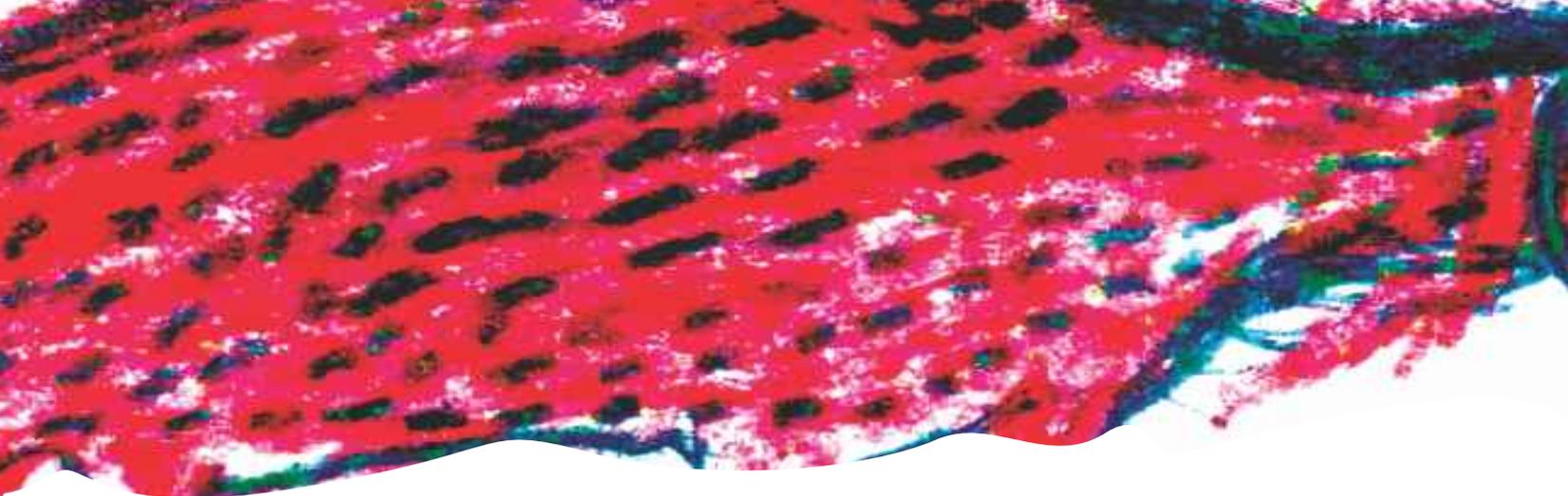
Como as pegadas só mostravam a ida e não tinha a volta, a Onça voltou ainda mais desconfiada para interrogá-los novamente. Todos Jabutis vinham retornando para sua casa com um huraku na mão.

- Então! É huraku que vocês estão levando na mão?, perguntou a Onça.
- **Txashē**, nós juntamos cogumelos e orelhas de pau, e fizemos huraku, disseram os Jabutis.
- Deixem-me ver, me passem um para eu dar uma olhada.

*Yuwaxiaitū txikahiaitū, a venewã kahi
mesē vikiaitū kahi, ãu metsisiwã tsekai
nivãki. Meshpesheshū ũĩya, ãu vitxia ture.
Askai kahi atu mehĩ pakekĩ, keyushu kahi. Na
aũhu vepēpakea kahi, ãu taka ture, ãu tashã
ture, ãu ũĩti ture, ãu nami ture, ãu pahĩki
ture. ãnu ayahu yuraku keyuahu.*

E os Jabutis não quiseram mostrar para a Onça o que levavam dentro do huraku.

Um macho do bando, com as unhas muito afiadas, segurou com força para não permitir que a Onça visse o que estava dentro do huraku. Mas, como a Onça tinha mais força, tomou o huraku e viu que dentro dele tinha um pedaço de carne do irmão Onça. Furiosa, avançou para cima dos Jabutis e tomou deles todos os hurakus que estavam carregando. Ao abrir, encontrou pedaço de fígado, pedaço do baço, pedaço do coração, pedaço de carne, pedaço de orelha, e assim por diante. Todos foram flagrados carregando um pedaço da Onça morta.



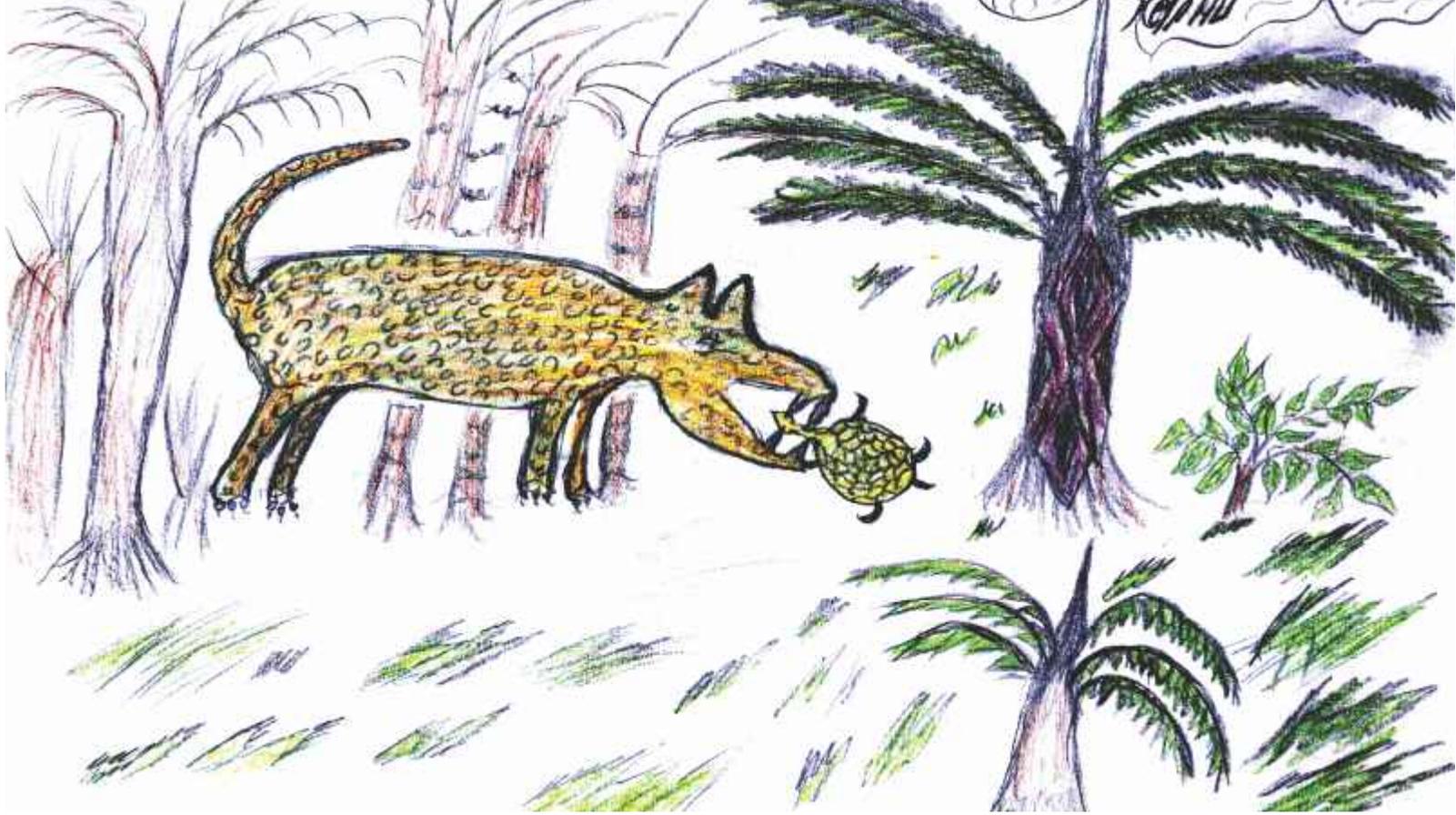
- Ainu, matuve rake, ma mǎi piái ki, piara itxaka paima.
- Ūiyama mǎ itxarakekehi.

Na tsauahu, atu tetse pakekĩ, tetse pakekĩ. Hurūkĩ, hurūhāini.

- Awesa kaima, ea ikashe, mǎ rakeve mǎ piamē, ē ūiyama mǎ ivayāi



- Porque simplesmente não disseram que haviam comido de meu irmão?, indagou a Onça irritada.
- Porque mentiram como se não tivessem visto nada?



*Na tsauahu, atu tetse pakekĩ, tetse pakekĩ.. Hurũkĩ,
hurũhãini.*

*- Awesa kaima, ea ikashe, mã rakeve mã piamē, ē ũĩyama
mã ivayãĩ.*

Então, furiosa, a Onça iniciou sua vingança. Desmembrou um a um o bando de Jabutis. Começou por aqueles que estavam sentados e terminou por arrancar os membros de todos eles.

- Porque vocês não admitiram que haviam comido meu irmão? Ainda
26 tinham que mentir como se nada tivessem visto?, protestou a Onça.

Kayui. Askawakahi kaya.

A shawe mĩ rete risamē wenatakāi natiru. Ainã ũĩyã veru sirikisa ũĩ, ãu mapu rakanu.

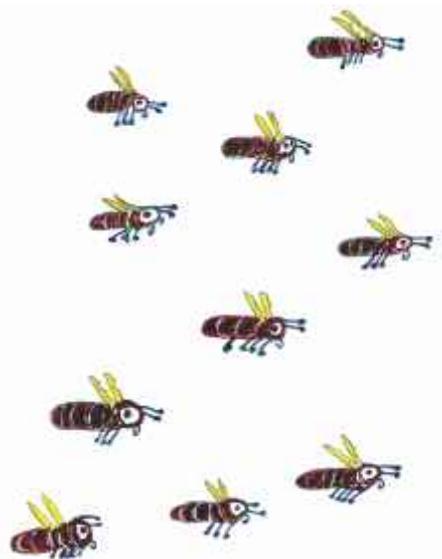
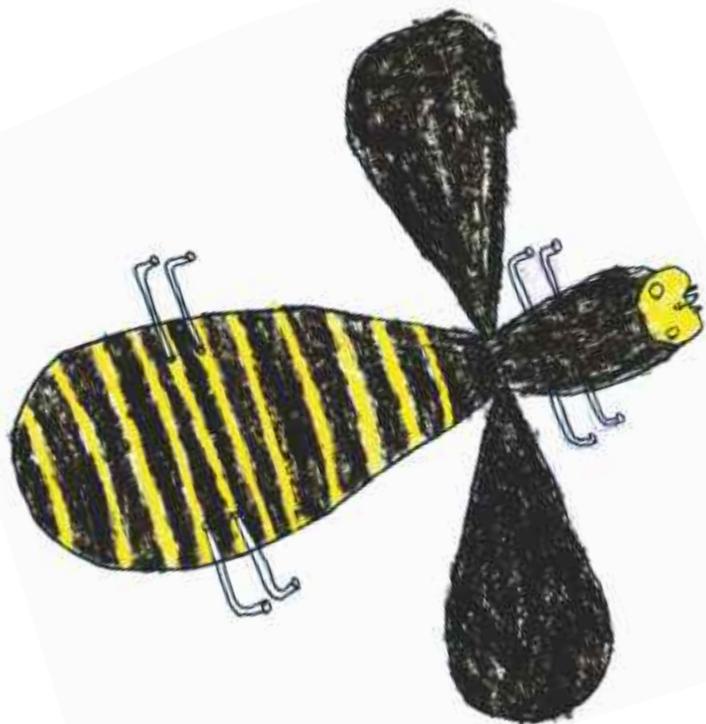
Depois que arrancou as cabeças e demais partes do corpo, deixou os Jabutis amontoados e foi embora.

O jabuti é um animal duro de morrer. Apesar de estarem todos desmembrados, ainda estavam vivos, com as cabeças espalhadas e os olhos arregalados.



*Aska kahi, nishfĩ kahi atũ imi kē paikahi, nēnēa kekāisai.
Aska kaitu kahi, shawē tsāinakāwāni.*

Naquele momento, rondava por ali um Maribondo, lambendo sangue.
Então os Jabutis o chamaram e pediram ajuda.



- *Txashē, nuke teriyupe!!*
 - *Nuke tetxiwe!*
 - *Ha! Matu tetxinu.*
-
- *Txashē, venha nos emendar. Venha nos emendar, por favor.*
 - *Bem, então vou ajudá-los e colocar-lhes os membros de volta, respondeu o Maribondo.*



*Unuri tetsea ari akama, pũĩki mera mapu tetxeki. ãu
pũĩkĩ teshu usũkĩ, teshu shau. Tetxipa kekiyã.*

*Tetxipakea kahi, yurashe nahĩ, kaya hãhãĩniyã. Ikashe
kahi, nanu maniashe, kayai keyuniashe.*

Ao emendar os membros do corpo, o Maribondo não colocou no mesmo lugar de antes. Colocou tudo ao contrário. Em vez de colocar a cabeça no pescoço, ele inverteu, colando no cu. Logo que foram juntando os membros ao corpo, os Jabutis, que não são como a gente, logo se recuperaram e reviveram.



- *Nã, txiwa txiwa aitũ, nukē akaki. Nã westi rasi keyunu kãu.*

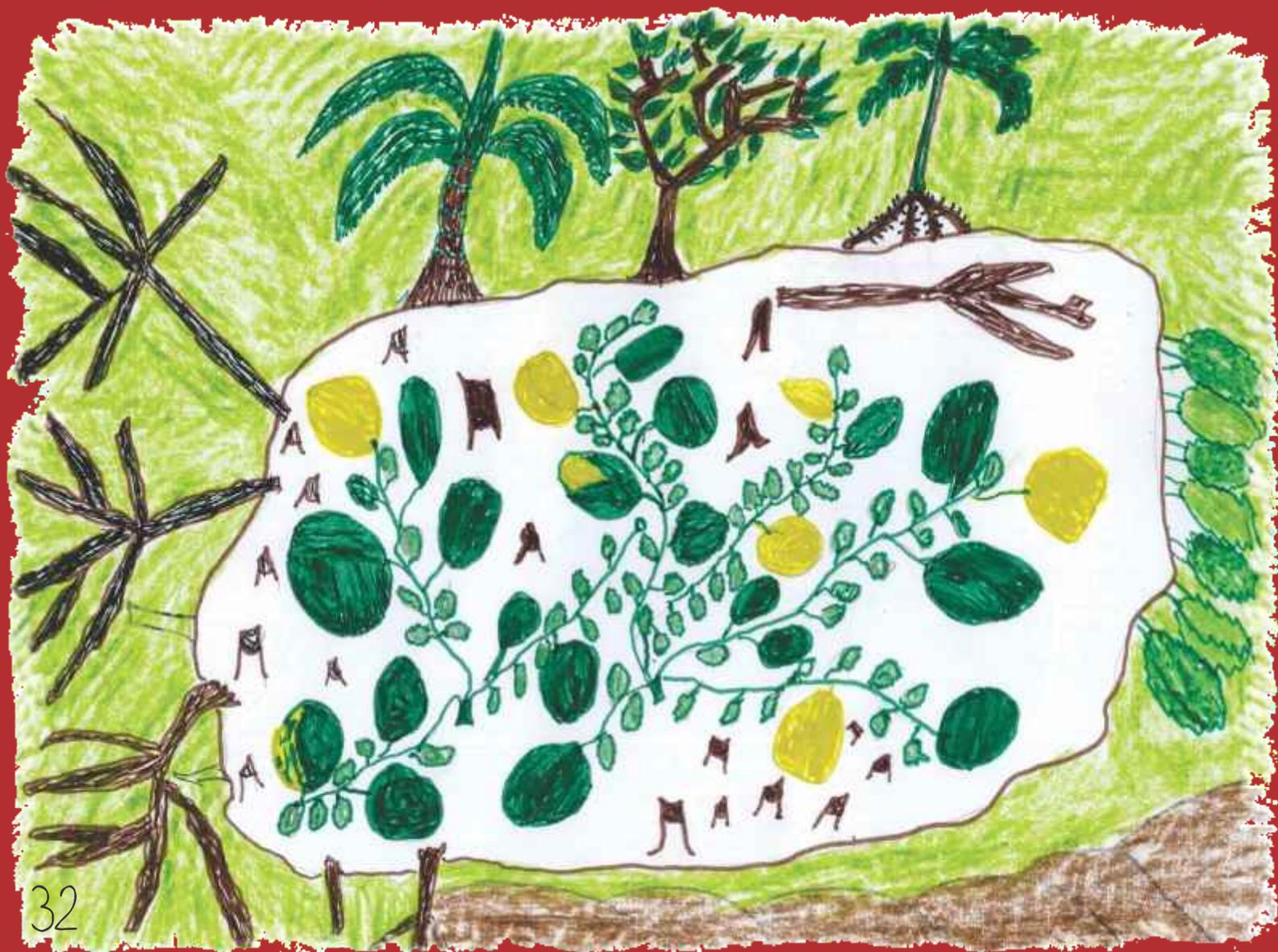
- Se continuarmos juntos, poderemos desaparecer, falaram uns para os outros.
- Isso só aconteceu porque andávamos em bando. A partir de agora, não vamos mais andar juntos, cada qual vai seguir sozinho.

*Unuri wetsa kainũ, unuri wetsa kainu.
Pashka keyukãini. ãna nitiwã mĩ nuku
tirumayã. Aki nukuaitusi, yurã vetxi tiruyã.*

Por esse motivo, nos dias atuais, quando você encontrar algum Jabuti na mata, pode estar certo que nunca mais vai encontrá-lo em bando. Desde então, cada qual seguiu seu próprio caminho.



KAMÃ MANAKATIA



PACA-DE-RABO





Wai washūkahi, warā vanakī. Warā eshe vanakī.
Warā eshe vanayamea kahi, warā shukuā, Warā
venepa rasi.

Askaitu kahi, Kamā Manakatia piyāwa piyāwaki.

- Awea txikatā mē, ewē warā kurutima wakī
piyāwa piyāwahinu mē.
- Mia ruku uīnū.

Certa vez, um homem resolveu fazer um roçado para plantar jerimum. Plantou muitas sementes de jerimum. No lugar em que plantou as sementes, nasceram muito pés, carregados de muitos cachos.

Depois de um tempo, apareceu uma Paca-de-Rabo, que vinha sempre comer a plantação de jerimum.

- Que desgraça! Há alguém que não está deixando meus jerimuns amadurecerem! Está sempre comendo escondido, resmungou o dono do roçado de jerimuns.

- Vai me pagar por isso!





*Pee! ushe manã vari xarakapa. Askaitu
kahi, warãki vipãki.*

*Warã vipãki, yatãme kashũ keshekĩ. Askashũ kesheki kesheki
kesheki ikainũ kai.*

*Kamã mãnakatiashnĩ ushũ kahi warã pii. Warã piãitu kahi piyãki.
Piyãshu kahi meweverãki putakĩ.*

*- Naa rakepã warã venetima wakĩ, warã piaitũ, warã keyuaitu,
mã reteaki.*

Numa bela tarde ensolarada, o dono do roçado saiu para construir uma tocaia e vigiar sua plantação de jerimum.

Depois de ter construído a tocaia, saiu para ficar à espera de quem estava roubando suas plantações. Escondido dentro da tocaia, ficou aguardando, aguardando... até a Paca-de-Rabo aparecer.

A Paca-de-Rabo chegou e começou a comer. Quando estava comendo o jerimum, recebeu uma flechada mortal.

Depois de abatê-la, trouxe-a puxando pelo rabo, jogou-a no chão da casa e disse para sua esposa:

- Peguei o danado que não estava deixando o nosso jerimum crescer. Peguei ele comendo meu jerimum, então matei.





- Aweara wapaikī? Reteame.

- Mā reteaki. Yāmeri naneshūnu, yāmari naneshūnu.

Puteshu putashu kahi. Tsiwa keshu kahi, kamā manakatia nanekī.

Nati washū naneashu kahi.

A raveinu westia awave puta hāiki. Vake raveinu westia.

A ravetā a sheke piyāki huahu inu kahi, wetsa kahi kesakati tsaua.

Ivai kahi, ui. Ma, vene, piyāshu, rete xinanū ui. Aresti ui, āū

āwī. Kamā Manākatia āwīhu. Kamā Manakatia āwī ushū, venauku

38 verani venauku verani kahi. Ikikaini.



- Para que você o matou, já que não vai comer?, indagou a Mulher.
- Como já matei, moqueia para amanhã, disse o Marido.

Então, a Mulher tratou e jogou na parede de paxiuba. Espremeu e moqueou a Paca-de-rabo.

Era uma família com quatro filhos: dois foram flechar calango no campo, um ficou com a mãe em casa e outro foi pescar com o pai.

Depois de um tempo, a esposa da Paca-de-Rabo apareceu na casa deles em forma de uma Mulher. Chegou logo depois de já terem matado e moqueado o seu Marido. Ela chegou à procura dele. Veio procurando e entrou na casa.



- E! Ēwe tsave uairā!
- Nenu uwe tsave!
- Nenu uwe tsave! Weyu āu panī weyūki.

Ayamaki, ayamashū kahi.

- Tsavē! Awea kai mi sawa maitiru mai.
- Ēwe vene, vakeāpa. Kini unua ipu anu ikash ka, verēve ka.

Na iskara uima yātasi ui.

- Mĩ pitiruki mia Kamã Mãnakatia txika mia shuishu tiru maki.
- Eere! Tsavē!
- Mĩ venemē ewē vene retēxinã?
Usã usãkĩ.
- Tsave, mĩ venemahĩ. Kamã Manakatiashni ãu warã shuku keyuã keyuãnaitu, vakeãpa piyãxiã. Awea piti xarama hiaki ē nanea.
- Eerē! Tsavē anu ēwe venerã, naaruku ē venaire, ē kawãesai.
Hãniamaire vetxipai.
- Manavai Pashkarã! Manavai Pashkarã!
- Wasi Eshe Metũmã!

E mashe namã titiri ikãwãsainũ, tsawē.

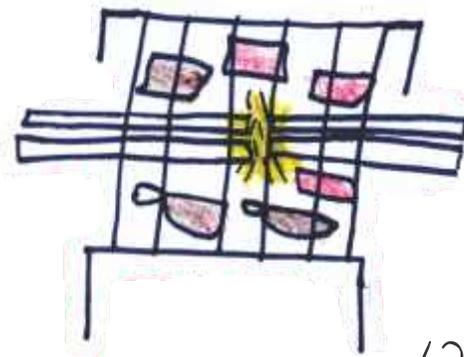
- Ah...Voce chegou amiga? Pois seja bem vinda!, falou a esposa do dono do roçado, que matou a Paca-de-Rabo.
- Senta aqui, amiga! Sente aqui nesta rede de balançar.
Deu caçuma para ela beber.
- Amiga, infelizmente, não tenho nada para te oferecer para comer.
- Meu Marido saiu para pescar uns bodós de tronqueira junto com nosso filho. Não vai vir agora, só no final do dia.



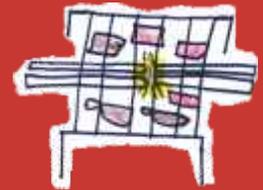
- Mas se você gostar de comer Paca-de-Rabo, posso servir, porque moqueamos agorinha.
- Então, amiga, seu Marido matou meu Marido! Falou a visitante desconhecida.

Diante da afirmação, riram-se uma da outra.

- Amiga, esse daí não é seu Marido, disse a Mulher para outra. Esse daí é apenas a Paca-de-Rabo, que estava acabando com o jerimum do roçado do meu Marido. E que ele matou à flechada.
- Ede nada serve. Eu moqueio e deixo aí, finalizou.
- Quero não, amiga, é porque estou procurando meu Marido e andando por todo canto. Sinto sua falta, quero encontrá-lo. Procuro por todo canto, chamando por ele:
- **Manavai Pashkarã! Manavai Pashkarã!**
Wasi Eshe Metume!
- Assim, noite afora, ando vagando por todos os lados procurando por ele.



- Aa! mī vene mahī tsavē. Nahī Kamā Manākatia āu warā shuku keyu keyuaitu, vipāshu piyā xina.
- Eerē!!!! Nā a venairā ē siāiki. Ē aska kāwāsai.
- Tsavē, ē mia iyá uinū kaisape.
- Tsavē ea ruku ea virisawe. Ē tsua mari, ea iyá himapayainu. Mī uaki ea hiwe tsavē. Ia shuaiki. Mapu shuai mema hainekiya.



- Esse não é teu Marido. É apenas uma pobre Paca-de-Rabo que estava acabando com a plantação de jerimum de meu Marido. E ele matou à flechada numa tocaia que construiu só para pegá-la.
- Então!!! Procurando por ele, ando chorando. Procurando por ele, ando perdida e sem direção.
- Amiga, eu posso catar piolho em você? Assim perguntou a mulher Paca-de-Rabo para a dona da casa.
- Amiga, dá para você me catar? Porque ando procurando alguém que possa me catar, disse a dona da casa. Faz tempo que ando procurando alguém para me catar. Ando com a cabeça coçando muito.



Ãu vake kesakatsi tsaua. Aska kahi vari txashaka kai, pixĩ vekashũ kahi tsãushu kai. Ireahishnĩ mapu huãhuaki. Tusa aka ripaikĩ iyanu kawã kakainu. Peru, peru ahuã hãhãiki.

Mã nakashu hiaki:

- Ewã! ua mia!

Enquanto isso, o Garoto, que não tinha saído para caçar e pescar, observava toda a conversa da mãe e da visitante desconhecida, desde do alto da biqueira da casa.

Então para aproveitarem melhor a luz do sol, pegaram uma esteira e estenderam no terreiro de casa.

Para disfarçar e fingir que estava catando piolho, a esposa da Paca-de-Rabo passava apenas a mão na cabeça da outra, para fazer de conta que estava catando piolho. Mas sua intenção era de matar a esposa do homem que matara seu marido.

Quando estava se armando para dar o bote, o filho alertou:

- Mãe, cuidado, ela vai matar você!



- Ee! Tsave, mĩ vake rumē txani?

- Tsave, ēwē vake txanihuhĩ.

Awa iyá hiaitu, arishũ vesuhũ ũĩ.

Anã akaitu kahi, anã.

- Ewã! aa mia!

- Ee! Tsave, mĩ vakehu txanitapahurã.

Nã, iva ivai, anã.

- Oh! Amiga, seu filho é um mentiroso?, falou a visitante desconhecida para a dona de casa.

- Amiga, sim, meu filho gosta de mentir, respondeu a dona da casa.

O garoto estava de olho na estranha mulher que fingia tirar piolho da cabeça de sua mãe.

Novamente, quando ia dar o bote na mãe, ele avisou.

- Mãe, cuidado!

- Oh!! Amiga, seu filho realmente é um grande mentiroso.

Passados alguns segundos, novamente...



- Ewã ua, mia!

Anã rave inu westi yuia.

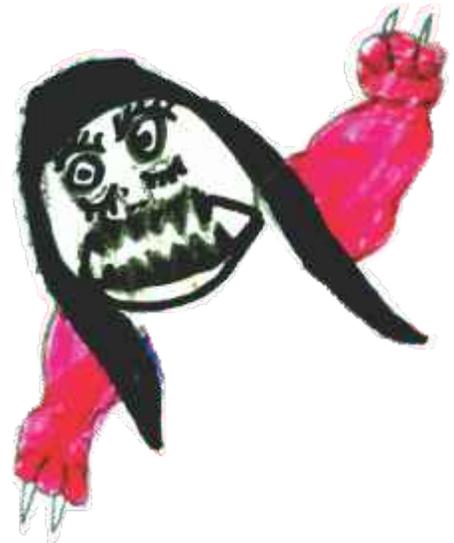
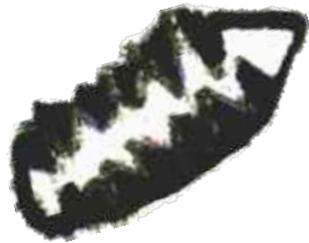
- Ewã mia.

Peresh!!!

- Mã pereshaka, isũ si si isai.

- Txãni txikavaya, txati hitãshu nuaikeyushũ, pakeaitu rihi,
peresh.

- Mãe, cuidado!
Avisada por três ou quatros vezes do perigo, a mãe não deu ouvidos a seu filho.
- Mãe, cuidado!
- Peresh (mordeu)
Matou a mulher com uma dentada na cabeça. Ela caiu morta, mijando no chão.
- Você que ficou aí vigiando sua mãe, agora vai me pagar!, falou a Paca-de-Rabo pro garoto, que alertara do perigo à sua mãe. Pegou uma vara e cutucou o menino até ele cair. Fez com ele o mesmo que tinha feito com sua mãe.





Shashuã katxuri hurũki, a rave. A sheke pimisi rikaitu, a sheke piyãshu tãkawe, huahu rave rihi kahi. Aska kahi mehuã, mehuã, atxishũ kahi. Aarihi atxishũ peresh. Wetsa rihi mehuã, peresh! Aa rakanu wetsa itxuitu rihi, peresh! Keyukiã. Aska kahi shashuã katxuri hurũkiyã.

Askawashũ, anã kayamai peshe ihuakĩ. Unu shetishũ, unu sheteakai. Aska kahi, txi tximetxi ishni uhũhãkai rakai.

Ivaiya. Yãtãpakei. A peshewã mashevãi, peshewã vakishipã mera, raka kai.

Jogou os corpos empilhados atrás de uma grande ubá no acero do terreiro. A Paca-de-Rabo se lembrou que a mulher dissera que dois filhos tinham ido flechar calango no campo. Então saiu à procura deles. Encontrando-os, matou-os e deixou-os empilhados com os demais corpos.

Depois disso, a Paca não retornou para a casa. Ficou tomando conta da casa do Homem que matou seu Marido. Ela fechou todas as entradas. Colocou uma lenha debaixo do braço, fingindo ser uma criança e foi balançar na rede.

Chegou o final de tarde e a casa começou a ficar escura, enquanto ela continuava imóvel deitada na rede com sua criança.





- Kuu! A rama uai, vei isa putahaina uisā kairu, shui shepeame, vepeahāiki.

A kini unua, ipuhu, verēvetā tseka vayahu, ipu tetumāwā puta tuxiki.

Āū āwī ukeri shashuā katxuri huruā ya, āu vakehuya. Askaitu kahi txi tximeshi vake washū kahi, pani maki ratātā kahi, ipu tetū tsaua hitā kahi, ipu hitākahi: shāu! shāu akī.



- Oh! Tudo está parecendo do jeito que deixei de manhã quando saí. E você, Mulher, continua deitada com as entradas todas fechadas! falou o Marido ao chegar em casa.

Saiu então abrindo todas as portas.

Junto com o filho, trouxe um panelo cheio de bodós que pescaram no igarapé.

Enquanto isso, sua mulher e seus filhos estavam mortos empilhados atrás da ubá.

A Mulher desconhecida, segurando um pedaço de lenha como se fosse uma criança, continuava deitada na rede. Se aproximou do panelo de bodós e agarrou uns e começou a comê-los crus.

- Kuu! Awetiā kahi mī aska waitū uiyūmaisnuhī, mī ipu pasha pii mē, mī askai?

- Ere! Ea askawashe, mī āwīyahi, mī vakehu shashuā katxuri uītāpū.

Ua kaikasa kaini, shui vepeaitu, itxukī. Mehuā, ua mehuāki, mehuāki, mehuāki, kini mera, na vekehuya, vekehu mera iki.

Aska kahi, ave katāna vake kahi, ave mehuanai.

- Ripu hitāwe. Nū payanū, ripu hitāwe.

- Kakasmai, ratei.

Askaitū nenushū ūīwē, ē ripu hitānu.

Itxushū kashū, ripu hitākī. Naa tashkāinū, penuve keyui nishū, paya paitukahi, a sharakai keyushi, sharā sharā wakī.





- Vixi! Desde quando você come peixe cru? Nunca lhe vi fazer isso! O que está acontecendo com você, minha Esposa?, perguntou o Marido.
- Ué! Antes de me perguntar essas coisas, vá ver como estão seus Filhos e sua Esposa atrás da ubá, respondeu a Paca-de-Rabo transformada em mulher.

Dito isso, com a mesma esperteza que chegou, deu um pulo e saiu correndo pela entrada da porta. O Marido saiu correndo atrás dela, até que ela entrou num buraco, junto com os filhotes que já estavam lá.

Estava acompanhado pelo Filho que tinha ido pescar com ele.

- Vá buscar o fogo, para a gente abanar o buraco com fumaça, falou para o Filho.

O Filho não queria ir porque estava com medo.

- Então, fique aqui esperando, que vou buscar o fogo.

Saiu correndo para buscar o fogo. Chegando, juntou todos garranchos, folhas secas, amarrou todos bem direitinho num feixe para tocar fogo.

- Mĩ aska paimēshũ kahi, ishũ kahi, pani tevaka musha, ahu itxawashũ keyuiniki, nisti shanahu itxawashũ neshakĩ keyushũ itxawakĩ. Shara paiki, meshtiki sakãine.

Metsatã meshtiki sa kaikani. Ahuya usishũ penu riya keyushũ kahi. Pe! Pe! avaiyainu kahi, ãu vakehu keyũkui. Askaitu kahi, na mapu kuxa pakeki, ruwē mapuki rerapakekĩ.

Mã askawa anuya, penu menuku pakea anuya, a kayaishnĩ, mã uxĩ uxĩ ashnĩ kãina kãwãni. Rerakĩ keyukiyã. Reraiyaine keyushũ anu hurũnĩ.

Aska kahi, ãwĩyahi ãu vakehuhu mai waki keyuki...

- Se é isso que está querendo, então vai ter o que deseja!!!

Juntou, então, penas de espinhos, galhos de espinhos e formou um grande feixe para queimar no buraco da Paca-de-Rabo.

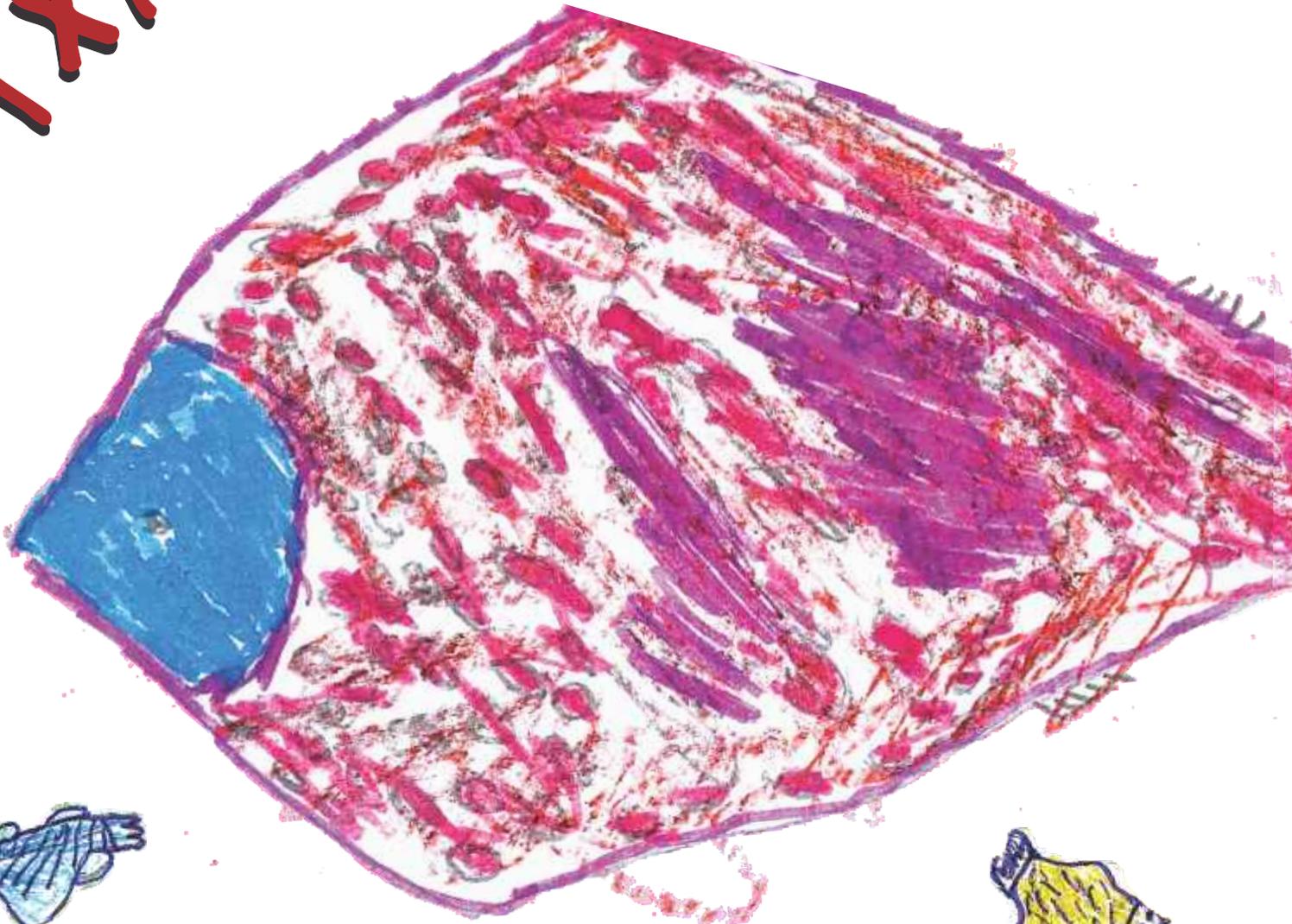
Tudo isso para que, quando tentasse puxar o fogo, a Paca-de-Rabo pudesse se estrepar no espinho. Quando botaram fogo e abanaram para fazer fumaça, os filhotes da Paca-de-Rabo começaram a sair. Cada filhote que ia saindo do buraco era morto a paulada e machadadas.

Até aquele instante, a Paca-de-Rabo ainda não tinha aparecido. Finalmente, já toda avermelhada pelo calor do fogo e da fumaça, saiu para fora. Quando saiu foi recebida a terçadadas pelo Homem. Depois de morta, foi largada ali mesmo, junto aos seus filhotes.

Em seguida, o Marido retornou à casa para fazer o enterro de sua Esposa e de seus quatro Filhos.



TXITXIPAUSHEAMANI

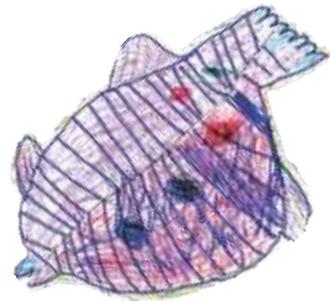
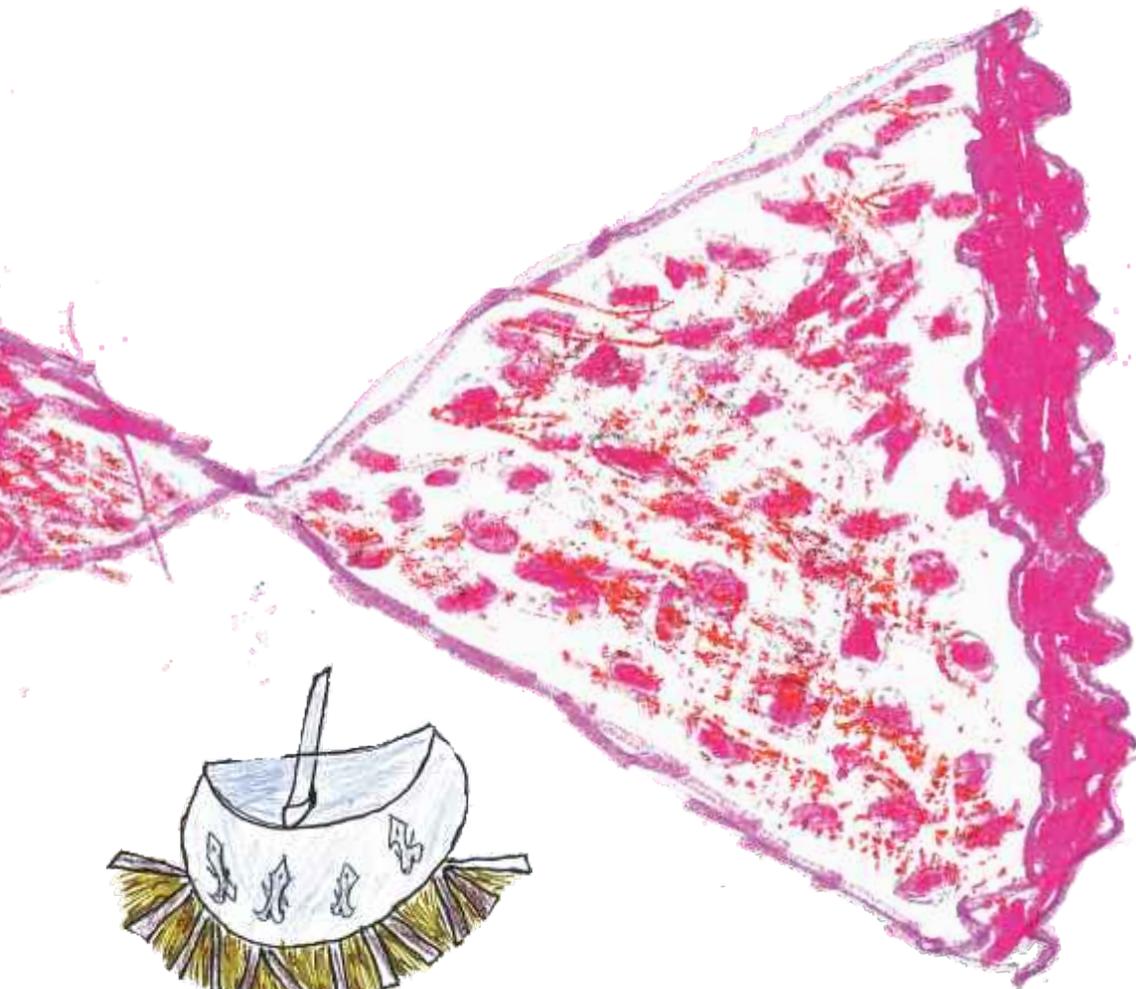
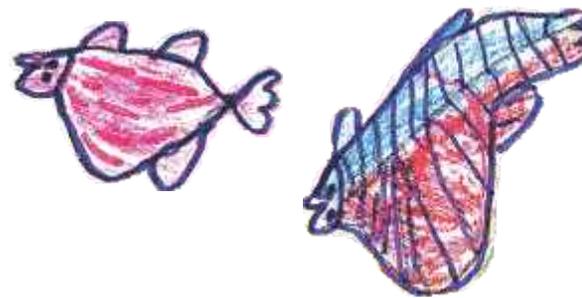


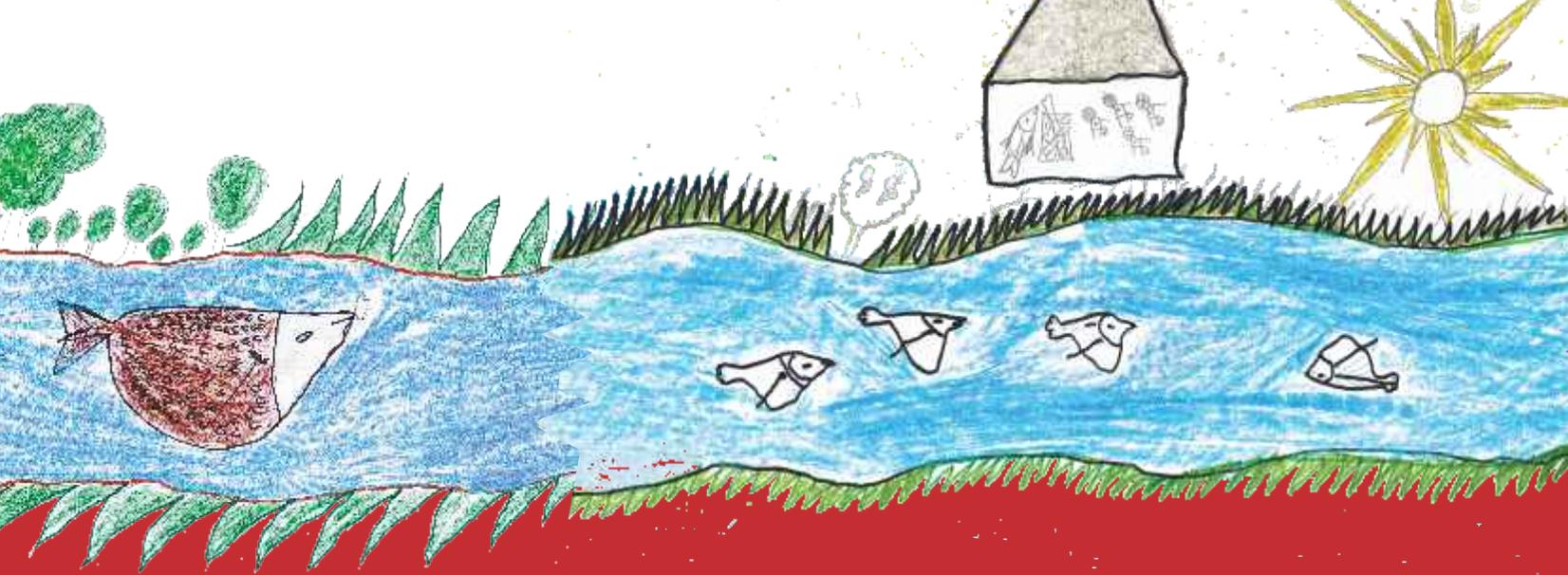
60



PEIXE-MACHADINHO

(A vovozinha que deu a concha para o neto engolir)





*Txĩtxĩpau sheami kahi, awea vetērakahi, anu,
westsa, unu raka, mari wetsara. Vetēshu kahi atu
pashka shūskĩ kahi, rehuhu ināyukĩ. Atu
metsashūnū, atu tiwahūāki. Ma netsutakahi:*



Aconteceu assim:

Uma Vovozinha preparou uma sopa para seus Netinhos. (Não sabemos exatamente se foi de carne de paca, de porco do mato, ou de cutia).

Depois de preparar a comida, convidou a todos para sentarem e começou a dividir a sopa.

Depois de devorar tudo de uma única vez, os Netinhos pediram mais para a Avó.

- Vovozinha, pediram eles, nos de novamente?

A Avó lhes serviu novamente.

Ainda não satisfeitos...

- Vovozinha, nos de novamente?

A avó serviu mais uma vez.

- Vovozinha, queremos novamente!

A Avó voltou a servir.

Depois de algum tempo, a Vovozinha irritada e cansada de servir sem descanso, colocou uma concha e deu para eles engolirem.

Por isso, os Peixes-Machadinho são corcundas e barrigudos, porque engoliram a concha dada pela própria Avó.

- Txitxĩ, anã ashũwē.

Anã metsashũkĩ.

- Txitxĩ, anã ashũwē.

Anã ashũyũkĩ. Mã

nasuakewãna.

- Txitxĩ, anã ashũwē

Anã metsashũkĩ.

- Txitxĩ, anã ashũwē

Askaitu, pauyahi

sheawe wanĩ. Askai

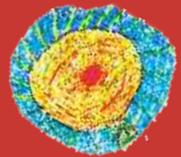
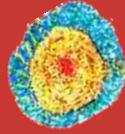
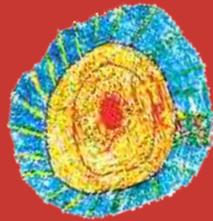
shutũkuashta ramini.



VARI

Como o Sol foi parar longe...





Shava mayã, shavama kahi, ãu shãnu kahi naxi makĩ. Ikash kahi, imãiti pixĩ vekãshuna kahi tsaua. Vari quinũ ishũ, tsãuni.

Variki petxishu tsãwahu, ikash kahi yushãhu matsuhuãki. Peshe matsuhuãki. Mã aki xinã venua.

Há muito tempo, vivia uma Vovozinha com seu Netinho, de quem cuidava com muito cuidado e carinho.

Um dia, logo cedo, a Avó deu um banho no seu Netinho. A criança tremia muito de frio. Então, ela estendeu uma esteira de palha no terreiro de casa e pôs a criança para se esquentar no Sol.

A criança ficou sentadinha de costas para o Sol se aquecendo do frio do banho.

Então, a Velhinha ficou distraída varrendo o terreiro de casa. Já tinha até se esquecido do Menino, quando de repente se lembrou.

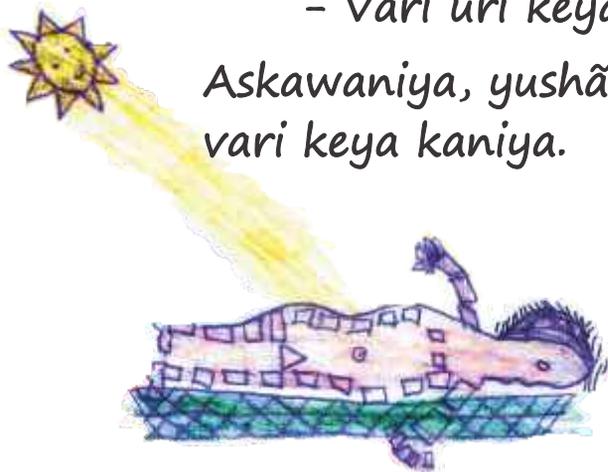


- Yo! Mã katusha!

Ya! Ya! Ya! Ewē vava, ma ea vari katusha.
Yushāhu vari keya yunuki.

- Vari uri keya katāwe.

Askawaniya, yushāhu yunu nia anā
vari keya kaniya.



- Oh não! Oh não! Oh não! O Sol já deve ter queimado meu
Netinho, falou para si mesma ao se lembrar da criança.

- Oh não! Oh não! Oh não! O Sol já rachou a coluna do
meu Netinho.

Então, ela olhou para o Sol e mandou que ele se afastasse
para bem longe. (Antigamente o Sol era bem mais baixo).

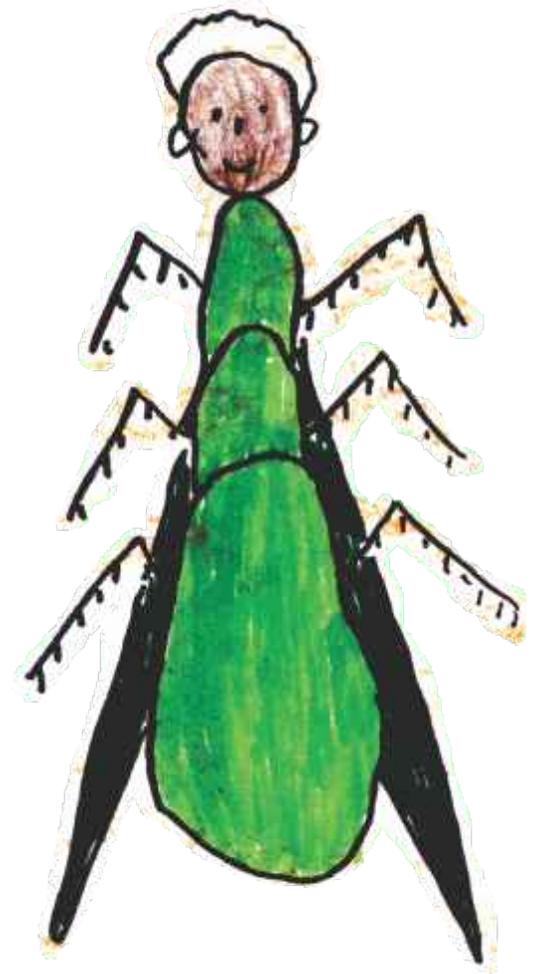
- Sol, vá embora para longe de nós!

E assim aconteceu no tempo dos antepassados. Foi a Avó
Velhinha quem mandou o Sol se afastar para bem longe da terra.



ТХАРҮ ТХИКĔНAYU





CRIANÇAS-GRILO



Txapũ txikeyahu kahi. Mĩ awea pipi tirumayã. Vakehu itxapa pitsitapahu. Txapũ txikeyahu kahi, mĩ atuve mahu txakamistĩ pipitirumayã, atu vetã, mia mashkã kev ãnahu.

Askakĩ kai. Nikashũ, apã txuna akĩ. Txuna ashũ, arishũ kahi puteshu, na ãu puku mistĩ terehã hãiki. Na ãu takahu, na ãu tashã misti, ãu ũiti, A misti hurakukãi, ãu shenihu hurakukĩ.

- Na kaya meshe, na huraku ruku imayuwe, ãu puku nũ piyunũ wakĩ.

Há muito tempo, existiam as Crianças-Gribo, devoradoras de comidas. Elas se chamavam *Txapũ Txikēhayu*. Ninguém podia comer nada porque, antes, elas comiam tudo. Eram crianças muito gulosas. Nesse tempo, ninguém conseguia ter uma vida social com elas por perto, pois devoravam tudo.

Então, certo dia, o Pai das Crianças-Gribo saiu para caçar junto com a Mãe. Na caçada, abateu um macaco preto e lá mesmo o limpou. Tratou com cuidado as pequenas partes do macaco, como a tripa, o fígado, o baço, o coração e a banha. Eles pegaram tudo e fizeram um huraku (enrolado na folha).

- Não mexa ainda no principal, vamos comer apenas as tripas, falou o Marido.





Ma ãu awĩnĩ atsa pitxãshu kahi. A txuna meepakeshu kahi, shãnawashũ meshapaiki. Takesashũ kahi wawashũ kahi. Mã wawashũkahi, vakehu nitxĩkĩ.

- Naxitakãwē, txūna puku ayashu piushũ naxiyutawãke wakĩ.
- Ah! Nũ txuna puku piyushnũ, nũ naxi nũ kãwe hukãwe ikaini huahu.

A Mulher colocou a macaxeira para cozinhar. Enquanto isso, esquentou a água e começou a pelar o macaco preto. Depois, de organizar tudo, chamou os filhos e ordenou que fossem tomar banho no rio.

- Vão tomar banho, enquanto a tripa do macaco cozinha... vão tomar banho, disse a Mãe para eles.
- Então, para a gente poder comer bem, vamos tomar banho antes, falaram as Crianças umas para as outras.

Contentes, elas foram correndo banhar-se no rio. Enquanto isso, os pais começaram a comer sozinhos.



- Nuke pinū watirumaki, nū
rehu piyunū ika pi.

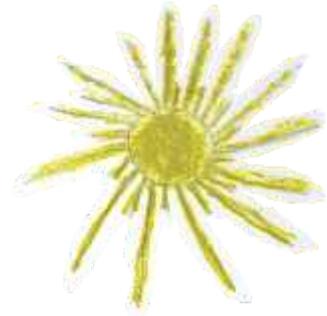
Pikī keyushū kahi, txuna puku
westihuya kahi, vīī txupi shate
pakeshū, aya usishū hurakūkī.

Txuna puku pinū ikashe
itxukāni. Askaitu kahi, awā kahi,
atsa pitxā txitxā hishūkahi:

- Uri vai keshu pitākāwe, ūivār
pishu pitākawe.

Wakehu kahi, a txuna puku
hiaihu kahi, a shea kehuāki kakī.
Ikainu wetsa kahi āna: vaish!
vaish! vaish. Awesashū shateahī.

- Iskaitū, txuna puku kereshepa
kairu mē!



- Eles não vão nos deixar comer, vamos começar a comer primeiro e sozinhos, disseram seus pais, enquanto comiam.

Quando terminaram de comer, cortaram alguns pedaços de cernambis e colocaram dentro do huraku de macaco.

Pensando que iam comer enrolado de folha, retornaram correndo para casa. Então a Mãe começou colocando a macaxeira no prato delas.

- Vão comer lá fora, vão comer ao ar livre, pediu a Mãe.

As crianças, que pegaram, por sorte os pedaços de macaco, engoliam normalmente. Aquelas que mordiam pedaços de cernambis não conseguiam cortar nos dentes. E faziam: vaish! vaish! Vaish!, pois era impossível mastigar os cernambis.

Começaram a reclamar:

- Mas, Mãe, que carne mais dura de comer!

Enquanto lutavam para comer o cernambi, as outras Crianças que pegaram a carne boa já tinham comido tudo.

Essa foi a história de Crianças-Grilo gulosas que comiam de tudo.

Hoje em dia, contamos essa história a nossas crianças para educá-las a não serem gulosas diante da comida de nossas famílias, como eram antigamente os Txapu Txikēyã.



KUNU





COGUMELO

MOQUEADO

DE NOSSOS ANTEPASSADOS



Atiã kahi kunu shenia. Kunu kahi, shenia. Kunu shenia,
hurakushu pima pimaki ãu vava txishu vetximaki.

Ya! Ya! Kunu shenishya ika ikaini mē, ewē vava pima pimaki
txishu vetximare. Aki waka ukaki. Kunu paismai.



Antigamente, os cogumelos eram gordurosos e saborosos. Preparávamos os cogumelos enrolados na folha e comíamos moqueados.

Um dia, uma Vovozinha de nossos antepassados serviu seu Netinho com esse delicioso cogumelo moqueado. E de tanto servir o bom cogumelo para ele comer, o Neto pegou diarreia.

-Oh não! Oh não! Cogumelo gorduroso, porque você deu diarreia para o meu Netinho?

Então, a Vovozinha jogou um pote de água no Cogumelo.

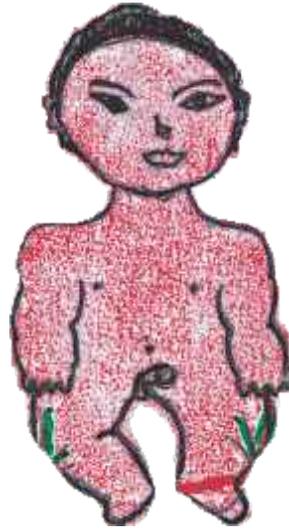
Por isso, ele deixou de ser gorduroso e gostoso como era antes.





TXATU





O ESPÍRITO DAS CRIANÇAS, TXATU



Txatuyã weni yamakayã. Iska
kahi, vakehu parãi kahi.

- Txũ! Txũ. Nũ ravekãi wenishunũ,
weneri yamai, nũ ravekãi
wenishunũ.

Iska kahi vakehu meshui hiai
weneriyamai. Txatũ parã.





Existe um Espírito que aparece apenas para crianças, seu nome é Txatu. Ele não gosta que as crianças cresçam e percam seu encanto pelas coisas. Por isso, ele gosta de enganar as crianças, para elas não andarem e não crescerem ligeiro, para que demorem a se tornar adultos.

- Irmãozinho! irmãozinho! Não cresça agora, não queira, não, andar logo! Espere por mim, para a gente crescer aos poucos e andar mais tempo juntos.

Então é por esta razão que as crianças por muito tempo apenas se arrastam, mas não se levantam... elas demoram a crescer. Elas foram enganadas pelo Txatu.

ILUSTRADORES

ALDEIA MATRINCHÃ:

LUANA FELIZ YAWANAWA

LUIZA FERREIRA YAWANAWA

JULHO ENRIQUE YAWANAWA

LEDA MATILDES YAWANAWA - PROFESSORA

ALDEIA AMPARO:

MÁCIO LUIZ DA SILVA

TXANA PEXA BRASIL YAWANAWA

PEDRO YAWANAWA ACRINO

NIXIWAKA BRASIL YAWANAWA

ANDRÉ LUIZ DA SILVA

TÁBITA ACRINO YAWANAWA

CALICE LUIZA DA SILVA YAWANAWA

LIUDA WAXY YAWANAWA - PROFESSORA

ALDEIA YAWARANI:

SAMARA JENILDA RODOLFO YAWANAWA

LUIZ FERNANDO USHUNAWA

WITAWANA LUIZA

WILLIAM MATEUS

SANDRO DE SOUZA YAWANAWA

ALDEIA SETE ESTRELAS:

MARCOS MEQUEBA

VALTER YAWANAWA

TXIRIMA DA SILVA YAWANAWA

ALDEIA TIBURÇO:

ELIAS ALBERTO CARNEIRO

EMERSON DA SILVA CARNEIRO

ALDEIA ESCONDIDO:

IDALINA JACINTO DA SILVA

LUIARA DA SILVA YAWANAWA

DACILENE JACINTO DA SILVA

VICENTE DA SILVA YAWANAWA

ALDEIA MUTUM:

RUNU KENESHAW YAWANAWA

LUIZ FELIPE YAWANAWA

CELIO SOBRINHO YAWANAWA

RUINUINA HENRIQUE YAWANAWA

SHUKUVANA CLECIO JUNIOR YAWANAWA

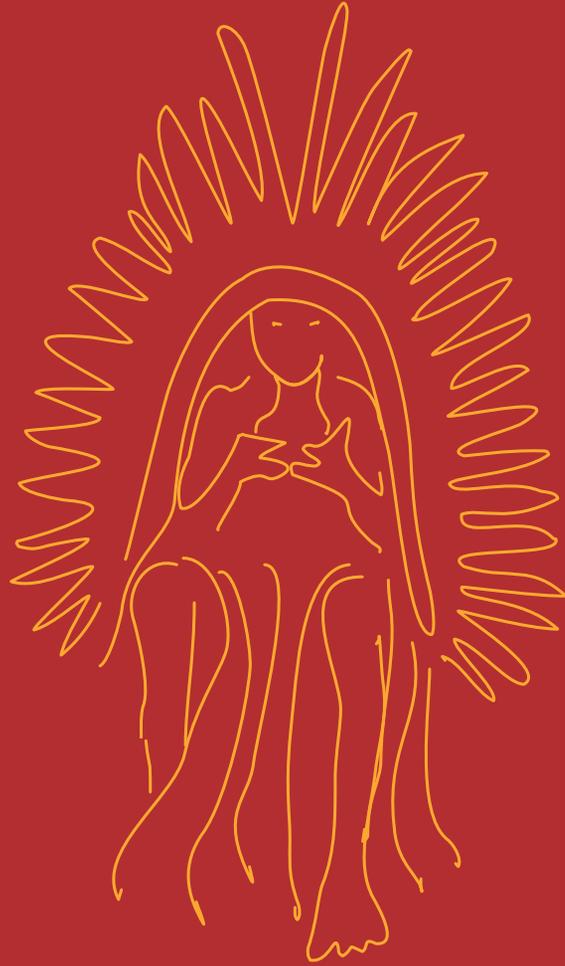
RUNI LUIZA YAWANAWA

ISAURA LUIZA MARTINS YAWANAWA - PROFESSORA





Autores dos desenhos das histórias



**FOREST
TRENDS**

